

FICHA TÉCNICA

Título original: *Conversaciones con mi Gata*

Autor: *Eduardo Jáuregui*

Copyright © Eduardo Jáuregui 2013

Edição original publicada em 2013 por Ediciones B, Espanha

Edição portuguesa publicada por acordo com Zarana Agencia Literaria

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria de Almeida*

Imagem da capa: *Vera Espinha / Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 394 032/15

1.ª edição, Lisboa, julho, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

PRIMEIRA PARTE

A gata

PATADAS NO VIDRO

A primeira vez que a vi, apareceu de forma instantânea, como aparece um gênio saído de uma lâmpada mágica — ainda que sem fumo, sem a melodia de uma harpa, nem a necessidade de esfregar mais nada do que as minhas próprias preocupações.

Naquela manhã, eu estava com pressa, como em quase todas as manhãs, e tinha as entranhas reviradas por conta de uma reunião com o pessoal da Royal Petroleum. Não consegui engolir nem meia torrada. Estava a dar os retoques finais à apresentação na cozinha, sobre uma mesa na qual o portátil se misturava com a manteiga irlandesa, o mapa A-Z de Londres, as luvas de pelo que o Joaquín tinha esquecido nas suas pressas matinais, o prato com as torradas e uma chávena de café alusiva ao casamento do William e da Kate, que só saía do armário quando já não havia mais nenhuma lavada. Quando terminei, aproximei-me do lava-louças com o computador numa mão e os restos do pequeno-almoço na outra.

De repente, fiquei com a visão turva e dei-me conta de que estava a sentir mais um dos meus enjoos. Larguei de repente o prato com a chávena de café, a faca cheia de manteiga e as torradas que haviam ficado por comer, e tudo caiu com um estrondo sobre os pratos que o Joaquín tinha deixado dentro do lava-louças. Apoiei-me com a mão livre na superfície de aço inoxidável, enquanto abraçava o portátil contra o peito, esforçando-me por aguentar a

onda de náusea e uma espécie de leve palpitação que me percorria toda a pele, uma sensação que se havia tornado muito familiar nestas últimas semanas. Respirei fundo e engoli em seco uma e outra vez.

— Calma, Sara — disse a mim própria. — Já vai passar, já vai passar. Tem passado sempre de todas as outras vezes.

Enquanto repetia estas palavras, olhava com intensidade pela janela, como se estivesse a tentar agarrar-me ao mundo com os olhos. Vi o habitual céu cinzento de Londres, os aviões a caminho de Heathrow, o nosso jardim triste e descuidado, aninhado entre tantos outros, as casas de tijolo escuro ao fundo. Não era uma vista muito bonita, mas ao menos dava uma sensação de espaço, e a sua familiaridade serviu-me de âncora. O enjoo foi-se desvanecendo.

— O que se está a passar comigo? — perguntei-me, pela primeira vez desde que haviam começado estes enjoos matinais.

Se fosse há alguns anos, a minha primeira suspeita teria sido uma gravidez, e a surpresa ter-me-ia levado a correr para a farmácia para fazer um teste. Hoje em dia, teria ficado muito entusiasmada com essa possibilidade, mas há demasiado tempo que eu e o Joaquín não conseguíamos conciliar a calma e a intimidade necessárias para esses jogos tão divertidos, apaixonados, peganhentos, que antes pareciam tão fáceis de improvisar em qualquer canto entre risadas e que os manuais associam, ainda que pareça mentira, ao transcendente milagre da procriação. Isto era preocupante por todos os motivos e mais alguns, entre eles a pergunta que voltava a repetir-se agora, enquanto continuava a observar os aviões que sulcavam o céu uniformemente coberto: o que se está a passar comigo?

Foi então que se materializou o génio da lâmpada. Baixei o olhar por uns instantes, o tempo necessário para verificar que não tinha partido nem o prato nem a chávena dos príncipes, e ergui-o novamente. Não pode ter passado nem meio segundo. Contudo, ali estava o animal, ocupando toda a janela, com uns olhos verdes que se cravavam nos meus e com um olhar predador. Gritei de susto e dei um passo atrás, escudando-me da «fera» com o portátil de titânio.

Depois, vi-o melhor. Por detrás do vidro encontrava-se um gato inofensivo de pelo curto e dourado, com a cauda ereta e um certo

ar de sofisticação. Um gato que, apesar do meu grito, não se tinha mexido nem um milímetro e que continuava a observar com curiosidade o comportamento peculiar desta humana.

Comecei a rir-me, mas a gargalhada ficou-me presa na garganta quando ouvi o gato *a falar*:

— Abres-me a porta?

Era uma voz doce e aveludada, quase um ronrom. Uma voz claramente feminina, que me fez pensar de imediato: «Gata.» Uma voz profunda, mas delicada, antiga mais do que anciã, como o som de um violoncelo de Stradivarius, mas com um toque mais... selvagem.

Pousei o portátil na bancada. Olhei para um lado e para o outro da cozinha, como se quisesse assegurar-me de que estava sozinha, de que não havia nenhum ventríloquo escondido no lava-louças, de que não havia câmaras ocultas nos armários. Não vi nada fora do sítio O relógio indicava na parede a hora do meridiano de Greenwich; a hora, certamente, de sair a correr pela porta se não queria chegar atrasada à reunião. As luvas de pelo do Joaquín recriavam sobre a mesa a forma das suas mãos ausentes, aparentemente prestes a recolher uns quantos envelopes com faturas da eletricidade e o folheto publicitário de uma agência de *minicabs* local. O frigorífico continuava a vibrar com o seu leve zumbido. Tudo parecia normal.

Exceto o gato (gata?) à janela. Agora parecia estar impaciente e caminhava de um lado para o outro no parapeito. Por fim, deteve-se, sentou-se e voltou a falar, com um tom mais insistente:

— Querida, deixa-me entrar.

Pelo menos foi isso que me pareceu ouvir, ainda que fosse absurdo, na minha cozinha de sempre, com as minhas coisas de sempre. É claro que, agora que eu a perscrutava a ela (decidi que era uma fêmea), podia garantir, pelo menos, que a gata NÃO tinha movido os lábios. Que tolice. Como é que haveria de mover os lábios? Por acaso os gatos falam? Aquilo que ouvira não podia ter vindo da boca daquele animal. Ainda que também não parecesse vir do rádio, nem de outro lado qualquer. Parecia vir diretamente dela.

— Sim, sou eu, aqui à janela — escutei agora, atónita, na voz aveludada da gata, que soava tão claramente quanto o tiquetaque do relógio na parede. — Deixas-me entrar ou não?

Desta vez, a felina deu duas patadas na janela, como se quisesse imprimir mais urgência ao seu pedido. As patadas sobressaltaram-me, como se acreditasse que com a patada seguinte o animalzinho fosse derrubar a janela. E o pior de ouvir uma gata a falar assim, com tanta naturalidade e soltura, com uma voz sedutora e insistente, num castelhano perfeito, embora estivéssemos em Inglaterra, é que qualquer outra loucura começava a parecer possível.

— Claro, é um sonho — tranquilizei-me, pegando no portátil, ainda que o toque frio, metálico, sólido da sua superfície o parecesse desmentir. Estaria, então, a ter uma alucinação? A verdade é que, ultimamente, andava a trabalhar demasiado e a dormir pouco, até mesmo para os meus padrões. Não se podia viver sempre à custa de cafés para acordar e comprimidos para dormir. Eu sabia isso, é claro que sabia. As minhas enxaquecas esporádicas tinham piorado e agora havia estes enjoos tão estranhos. Suponho que a questão me tivesse preocupado mais se eu tivesse tido mais tempo para me preocupar. O que me fez recordar que, em pouco mais de meia hora, tinha uma reunião com o pessoal da Royal Petroleum. Começava a sentir um novo ataque de náuseas. Fechei o computador à pressa, enfiei-o na bolsa de *nylon* preta e virei-me para a porta da cozinha. Antes de sair, ouvi a gata a bater novamente na janela, duas vezes, mas nem sequer me virei a fim de olhar para ela.

A reunião começava às nove. Em ponto, porque as reuniões em Inglaterra começam *o'clock*. Quando saí para o frio da rua, eram 8h27. Quando entrei na estação de West Hampstead, eram 8h36. Estava atrasada e já imaginava a piadinha sarcástica do Grey em frente do cliente para gozar com a espanholita e o conceito mediterrânico de tempo. Pelo caminho, não vi nem as árvores desnudas de fevereiro, nem os demais londrinos apressados, nem os cartazes publicitários das escadas rolantes. Enquanto o meu corpo corria, a minha cabeça ensaiava a apresentação que tinha preparado, à última hora, no comboio de Glasgow ontem à tarde e depois em casa até à meia-noite, com o Grey a telefonar-me para o telemóvel de dez em dez minutos.

— *Come on, Penelope* — dizia-me. — Despacha-te, Penélope, que isto é para amanhã e, se não estiver pronta, tenho de te atirar aos tubarões.

O Grey achava engraçado chamar-me Penélope, porque a Penélope Cruz devia ser a única espanhola que conhecia. Trabalhávamos juntos há onze anos e a piada continuava a diverti-lo. Porém, ultimamente, ainda o divertia mais, desde que contrataram a Penélope Cruz para o mais recente filme da saga *Piratas das Caraíbas*, que, para o Grey, representava o culminar da cultura ocidental, juntamente com o *football* e a cerveja.

Quando entrei pela primeira vez nos escritórios da Buccaneer Design, já tinha lido algumas reportagens sobre esta pequena, mas peculiar, consultora Web, instalada nuns antigos estábulos de Notting Hill, e não fiquei surpreendida com as palmeiras insufláveis, as espadas de espuma e as arcas do tesouro cheias de chocolates ou pacotes de batatas fritas. Porém, não esperava a receção que me preparara o «Captain Greybeard» no seu gabinete, para mim e para todos os que entravam. No centro da parede, com uma moldura espetacular antiga de madeira, pendia um retrato, supostamente do século XVII, de um homem corpulento, de aspeto feroz, com um elegante fato grená, uma peruca barroca e uma espada na mão. Debaixo do quadro, sentado numa espécie de cadeira de escritório dourada, sentava-se numa pose idêntica um homem corpulento, de aspeto feroz, com um fato grená (embora de corte moderno) e uma cabeleira cinzenta e bizarra, com barba a condizer, a teclar num *Mac*, no qual alguém desenhara, mesmo abaixo do logótipo da maçã, dois ossos em cruz.

Sem saudação, nem qualquer tipo de preliminares, o Graham Jennings começou logo a contar-me que o homem do quadro era o seu *great-great-great-great-great-great-grandfather* (algo assim como o seu tetra-tetravô), o célebre pirata Henry Jennings. O quadro fora herdado pelos filhos primogénitos de sucessivas gerações em linha direta, ainda que do tesouro acumulado pelo rufia de má fama já não sobrasse nada, exceto aquilo que fora engolido pelos oceanos. Agora o tetra-tetraneto dispunha-se a conquistar o mundo da Internet.

Não acreditei em nada do que me dizia aquele fanfarrão, que, cá para mim, se tinha inspirado no Capitão Haddock, mas reconheço que o espetáculo me impressionou. O Greybeard tentou vender-me a Buccaneer Design como a empresa de *web design* mais *cool* da cidade e a ele próprio como um génio à altura do Steve Jobs. Pelos trabalhos que já tinha visto, sabia antes de entrar pela porta que a primeira afirmação não era exatamente verdadeira. Tinham bons *designers* e um bom programador, mas de usabilidade sabiam pouco. Era aí que eu podia contribuir e, quem sabe, até ajudá-los a transformar esta empresazita de pouca monta numa das que acabariam por fazer fortuna na quimera do ouro do século XXI. Foi exatamente isso que lhe disse, com todo o descaramento, num inglês que o deve ter surpreendido pela correta pronúncia *British*, e uns mapas que tinha desenhado com os seus sítios Web mais emblemáticos ao estilo «mapa do tesouro» amarelado, que o fizeram dar umas sonoras gargalhadas e chamar vários dos seus grumetes ao gabinete. Mostrei-me conscienciosamente preparada.

— *Welcome aboard, darling* — disse-me, ao fim de meia hora.
— Bem-vinda a bordo.

Durante a entrevista, pude comprovar que o Grey também não era nenhum Steve Jobs. Porém, consegui perceber que sim, era um vendedor nato, e que só lhe faltava ter algo decente para vender para além do fumo dos seus canhões. E assim foi. Depois de um primeiro êxito com o *webweddings.com*, um sítio Web de planificação de casamentos que, em pouco tempo, conquistou milhares de utilizadores e chegou a estar avaliado em mais de cinquenta milhões de libras esterlinas, começámos a trabalhar com algumas das empresas «ponto com» britânicas mais célebres da altura, como a *lastminute.com* e a *clickmango.com*. Trabalhei horas a fio, mas também me diverti imenso, e tínhamos um ambiente engraçadíssimo, que me fazia lembrar mais os acampamentos de verão da minha juventude do que um projeto empresarial. E, para mim, o melhor foi termos tido a oportunidade de contribuir para experiências culturais, sociais e políticas, que faziam intuir uma sociedade mais participativa, uma democracia mais transparente, uma humanidade mais sábia,

solidária e unida. Durante essa fase da minha vida, tive a ilusão de que as novas tecnologias nos levariam para um mundo melhor.

Porém, em meados do ano 2000, o espetacular castelo de cartas que se tinha construído em torno das «ponto com» começou a desabar e, após os atentados do 11 de setembro em Nova Iorque, que todo o pessoal da empresa viu no televisor gigante da sala de reuniões, percebemos que as tecnologias mais avançadas podiam ser usadas para semear o terror, que o ser humano ainda tinha muito para aprender e que, além do mais, a nossa própria torre se estava a afundar. A economia mundial abrandou, os investidores perderam a confiança na solvência das empresas *online*, as empresas começaram a encerrar a toda a velocidade e as minhas *stock options* converteram-se em papel para reciclar.

O Grey teve de vender o barco da Buccaneer Design a uma consultora maior e mais focada em clientes corporativos tradicionais, a Netscience Ltd., e mudámo-nos para os seus grandes escritórios na City, sem palmeiras, nem arca do tesouro, nem, claro está, o quadro do suposto antepassado do Grey. O ambiente tornou-se tão frio quanto a decoração minimalista das novas instalações. Percebi até que ponto as coisas tinham mudado no dia em que levei alguns *croissants* para partilhar com os meus novos colegas. Recusaram-nos (embora com muita educação) um após outro. Todos pareciam já ter tomado um pequeno-almoço demasiado farto. Era como se temessem envolver-se numa relação que fosse mais longe do que o estritamente laboral. Tive de levar a maioria dos *croissants* de volta para casa.

Agora, o velho pirata vestia-se como qualquer outro consultor, com um fato cinzento e uma gravata sóbria, e até tinha tido de cortar a cabeleira e ajustar a barba. Parecia um banqueiro. Na verdade, começámos a trabalhar muito para a banca. Tornei-me perita na banca virtual *online*, em sistemas de segurança antifraude, em calculadoras de empréstimos para habitação e mercados de valores. Posso dizer que dei a minha pequena contribuição para a criação e destruição da grande bolha seguinte, a imobiliária, e para a crise económica definitiva, que começou em 2008 e não se sabe quando irá acabar. Também participei, para grande pena minha, em projetos

para um dos maiores negócios da rede — os casinos virtuais —, para a indústria do tabaco e para uma das maiores empresas de armamento do mundo. O Grey não parecia ter muitos escrúpulos neste sentido. Suponho que fazia parte do seu espírito de pirata.

— Pagam-nos o salário ao fim do mês? Toca a esfregar o convés, Penélope, que a coisa não está para grandes brincadeiras.

Porém, eu não conseguia evitá-lo. Trabalhar para certos clientes corroía-me por dentro. E a Royal Petroleum era um deles. Os meus pais, filhos exilados da guerra civil espanhola, cresceram na Londres dos Beatles e regressaram à Madrid da transição feitos uns autênticos *hippies* de cabelo comprido, carrinha *Volkswagen* mal pintada e uma consciência ecológica muito avançada para a época. Félix Rodríguez de la Fuente foi o meu ídolo aos dez anos e juntei-me ao seu «Clube dos Linces» quando soube da sua existência. Na verdade, conheci as minhas melhores amigas — Vero, Patri e Susana — quando andávamos a explorar a serra de Guadarrama como membros dessa associação ambientalista. Mais tarde, quando decidi licenciar-me em Jornalismo, o meu objetivo era especializar-me em meio ambiente e, desde o primeiro ano, participei ativamente na associação estudantil Complutense Verde. No final das contas, as circunstâncias levaram-me para outro lado, mas continuei muito atenta a estes temas e se usava o metro londrino, apesar das náuseas com que ficava por me enfiar todos os dias naquilo a que adequadamente chamam *the Tube*, era para evitar acrescentar mais uma fonte de poluição à cidade e ao planeta.

Por tudo isto, irritava-me profundamente ter de colaborar agora com o novo sítio Web da Royal Petroleum, para coincidir com o relançamento da marca, que passaria a chamar-se, simplesmente, «RP». É claro que, após o conhecido acidente numa plataforma petrolífera do golfo do México que causou o derrame de meio milhão de metros cúbicos de crude em pleno mar das Caraíbas, provocando um desastre ecológico sem precedentes, precisavam de uma imagem lavada. Não só desapareceu a palavra «petroleum» do nome como o logótipo novo — um sol verde — e o *slogan* adotado — «New Energy» — pareciam os de uma ONG ecologista. Para justificar tudo isto, a petrolífera tinha adquirido várias

pequenas empresas de energias renováveis, que representariam uma fração minúscula do seu negócio, mas que teriam um grande protagonismo na *homepage* da empresa.

Irritava-me tanto participar neste projeto que há uma semana que andava a adiar a preparação da reunião de hoje, na qual apresentaríamos em pormenor a estratégia da Netscience para o lançamento da marca Royal Petroleum. O meu atraso andava a deixar o Grey com os nervos em franja, pelo que há vários dias que me importunava com chamadas e mensagens para ver como ia a coisa. É verdade que improvisar uma apresentação deste tipo era bastante frequente, mas se conseguíssemos a conta da Royal Petroleum, a Netscience conseguiria sair do vermelho num momento económico muito complicado. Por isso, sabia que, quando saísse do metro para a superfície, descobriria pelo menos duas SMS e cinco chamadas perdidas do Grey. O London Underground, como tudo em Londres, é tão antigo que não há forma de instalar a cobertura móvel lá dentro sem gastar a quantidade de dinheiro que, neste momento, ninguém tem.

Ao pensar nisso, sobressaltei-me de repente, porque vi que o comboio estava há já algum tempo (quanto?) parado na estação de Bond Street, onde eu teria de sair para mudar para a Central Line. As portas deviam estar prestes a fechar-se, e uma verdadeira parede de corpos humanos amontoados separava-me da abertura ínfima.

— *Excuse me!* — gritei como uma louca, abrindo caminho como pude, tropeçando num guarda-chuva qualquer e provocando a indignação das pessoas obrigadas a deixarem-me passar.

— *Stand clear of the doors, please!* — avisou o maquinista pelo megafone, para evitar que alguma pessoa inconsciente, como eu, se arriscasse a ser esmagada pelas portas com um atravessamento temerário.

No último instante, consegui libertar-me da multidão e pus-me na plataforma com um salto, puxando o cinto do sobretudo mesmo antes que se fechassem as portas. Suspirei de alívio. Porém, então, dei-me conta de que só tinha nas mãos o cinto do casaco. Percebi que a minha mala, com o computador portátil e a única cópia da minha apresentação, continuava dentro da carruagem, para lá das portas, do outro lado da barreira humana. Não pude fazer nada a

não ser observar, incrédula, como desaparecia pelo buraco escuro aquela lata envidraçada de sardinhas humanas, com os seus sobretudo, os seus guarda-chuvas e um objeto extraviado de que eu precisava urgentemente. Eram nove da manhã. *O'clock*.

Uma mudança de linha, seis estações e uma corrida pelas escadas rolantes depois, avisei o Grey do sucedido por SMS, enquanto se iam amontoando as suas próprias mensagens, cada vez mais alarmadas. Mesmo antes de entrar pela porta do edifício de Wood Street, onde estavam instalados os escritórios da Netscience, recebi a sua resposta: «OK. *Sharks for you.*» Ou seja, esperavam-me os tubarões.

Ao entrar na sala, vi que na nossa equipa, para além dos diretores de *design*, programação e sistemas, e do Grey, como *project manager*, tinha comparecido à reunião a CEO da Netscience, Anne Wolfson, que me fazia lembrar a Thatcher, mas numa versão mais sóbria. Na verdade, estudou no mesmo *college* de Oxford que a Dama de Ferro e anunciava o facto usando sempre preso ao casaco um *pin* da conclusão da licenciatura no Somerville College. A primeira vez que a vi foi na assembleia geral que liderou após a nossa incorporação na Netscience, com outras quinhentas pessoas. Nessa ocasião, só nos falou do esforço, do compromisso e do sacrifício que o mercado exigia de nós. Esse «sacrifício» incluía, como fomos percebendo a cada dia que passava, e com cada rumor que circulava, uma implementação desse sofisticado, secreto e sangrento ritual corporativo das *redundancies* («redundâncias», ou seja, *despedimentos*), no qual ela própria assumiria o papel de suma sacerdotisa. Passadas poucas semanas, após algum misterioso *sabat* da direção, voltou a convocar-nos para anunciar cortes que afetaram um em cada quatro funcionários.

— Ah! Já chegaste! — disse o Grey com um sorriso de dentes cerrados, rodeado pela sua barba limpa e aparada. — Há pessoas que dão muita importância à pontualidade. Nós, não obstante, damos mais importância às boas-vindas! *Buenos días*, Sarah!

Perante os bons-dias em espanhol, todo o grupo se riu, exceto a Wolfson, que nunca se ria, pelo menos que se soubesse. Fiz o

possível por sorrir, perguntando-me com que aspeto deveria estar depois da minha corrida pelo metropolitano. O Grey apresentou-me aos diretores de *marketing* e comunicação da Royal Petroleum e a outras três pessoas da empresa que estavam presentes para dar a sua opinião. Cinco homens. Tinham ar de quem já teria assistido a várias reuniões parecidas com outras consultoras e notava-se que a encaravam mais com paciência do que com expectativa. O diretor de comunicação, um tipo muito alto com nariz ossudo e óculos de massa verde-lima, limitara-se a despegar os seus compridos dedos do *smartphone* para me apertar a mão. O diretor de *marketing*, um *gentleman* já mais velho com pouco cabelo e uma grande barriga, bocejava.

— Podemos prosseguir? — disse a Anne, dirigindo-se a mim e ajustando o casaco com um puxãozinho que fez dançar o seu *pin* dourado.

Ia eu começar a explicar o sucedido no metro, com muitos *sorrys* e demonstrações de vergonha, quando o Grey interveio, lançando-me borda fora, com o seguinte discurso, digno de Henry Jennings:

— A proposta da Netscience para a nova Royal Petroleum baseia-se na simplicidade. Simplifica-se o nome da marca. O *design* gráfico, tal como Catherine nos explicou, baseia-se na limpeza do branco e em poucos tons verdes e amarelos. Mas a chave da simplicidade está na estrutura da página Web e, nisso, a Sarah é perita. Por isso, decidiu prescindir de apresentações eletrónicas e regressar ao mais simples: o quadro branco!

De novo, o Grey começou a rir-se e os demais seguiram-no, menos a Anne, que não parecia muito convencida desta minha suposta iniciativa e se limitou a cravar os cotovelos na mesa e a brincar com o escudo dourado de Somerville. O grupo da Royal Petroleum, pelo contrário, despertou. Quem se atreveria hoje em dia a fazer uma apresentação sem a muleta do PowerPoint? O diretor de *marketing* ajustou os óculos verde-lima e enfiou o telemóvel no bolso do casaco.

Sim, o Capitão Grey era um grande vendedor. Porém, só se tivesse algo mais do que fumo para vender. E, nesta ocasião, não era esse o caso.

— *Humm... Thank you, Graham* — comecei, num estado de total alarme. — *For this website we tried to balance simplicity with functionality...*

Vi-me a falar e a gesticular como se estivesse num sonho, desligada do meu corpo, enquanto me esforçava desesperadamente por recolher da minha memória os retalhos do que tinha preparado nas últimas horas: menus *drop-down*, hierarquias conceptuais, botões e ligações, mapas, *microsites*. Porém, por mais que me esforçasse, era como se os pormenores se perdessem e se confundissem numa ondulação gordurosa que me deixava enjoada e que parecia agitar toda a sala. O meu coração começou a bater a um ritmo frenético e, quando me caiu o marcador ao chão, fiquei aterrorizada com a ideia de que seria incapaz de o apanhar sem desmaiar.

— *Ex... excuse me* — disse, tentando sorrir perante os rostos desfocados, que mal conseguia distinguir por entre o movimento nauseante.

O sangue circulava com tanto estrondo pelas minhas veias que não escutava sequer as minhas próprias palavras. O enjoo parecia a ondulação num mar encrespado, e senti-me sem forças para lutar contra as suas investidas, como um corvo-marinho coberto de destroços pegajosos. Foi então que apareceu uma onda gigante, negra, viscosa, que escureceu tudo, e não consegui evitar afundar-me.

A CRISE DOS QUARENTA

— *Hey, baby*. — O Joaquín estava a beijar-me a mão.

— Olá — respondi num fio de voz. — O que estás aqui a fazer?

Retirei a mão involuntariamente. Talvez não soubesse bem quem me estava a beijar. Ou talvez me sentisse envergonhada por me estarem a beijar neste quarto de hospital com a sua luz branca e toda a gente à minha volta. Ou, simplesmente, porque há demasiado tempo que o Joaquín não me beijava desta forma, delicadamente nas costas da mão. Enfei ambas as mãos debaixo das axilas. De seguida, arrependi-me logo e quis devolver a mão para que me beijasse outra vez, mas tinha passado o momento.

— O Graham telefonou-me e disse-me que te estavam a enviar para aqui numa ambulância e pediu-me para vir ter contigo.

— Claro, obrigada — retorqui, ainda um pouco desorientada.

— Que absurdo, não é? Passamos quatro dias sem nos vermos e encontramos-nos aqui.

Tecnicamente era verdade, já que eu tinha estado desde domingo em Glasgow, ainda que, na noite anterior, tivesse sentido o seu corpo quente a entrar na cama a dado momento e, de manhã, tivesse visto os restos do seu pequeno-almoço e as suas luvas vazias em cima da mesa da cozinha. Fosse como fosse, entre a minha viagem à Escócia e as horas a que ele chegava a casa ultimamente, a impressão que tinha era de que não nos víamos há várias semanas.

— Então ainda bem que desmaiaSTE, não é? — respondeu o Joaquín. — A ver se na semana que vem me dá um chilique para nos voltarmos a ver.

Não achei muita piada. O Joaquín estava sempre a brincar, para o bem e para o mal. Não havia forma de levar as coisas a sério. Por exemplo, o meu desmaio. Ou, por exemplo, a nossa relação. Que relação tínhamos realmente? Gostávamos um do outro, era verdade, mas já não nos víamos. Inclusive quando, por acaso, estávamos em casa ao mesmo tempo, parecia que já não tínhamos vontade de nos vermos. Ele enterrava-se na sua *Xbox*, a jogar com amigos e desconhecidos em tiroteios virtuais no ecrã gigante da sala de estar. Eu sentava-me em frente da televisão ou falava com o meu pai ou com as minhas amigas através do Skype. Nos fins de semana em que nenhum de nós tinha de trabalhar, havia sempre alguma viagem a Espanha, ou hóspedes em casa, burocracias para tratar ou compromissos aos quais atender, o que acabava por significar que não passávamos tempo nenhum juntos com um mínimo de calma.

No início, foi mais uma coisa minha. Fui eu quem o trouxe para Inglaterra, onde vivi em pequena e onde os meus pais cresceram, porque me apetecia conhecer melhor este país, que também era um pouco meu e, já agora, para trabalhar para as empresas de ponta daquela altura. Eu era a consultora com horários «flexíveis», ou seja, que se esticavam em todas as direções, invadindo noites e fins de semana se fosse preciso. Eu é que viajava em classe executiva, sempre com o portátil debaixo do braço, com o cartão *gold* da British Airways e a mala de tamanho regulamentar para voar só com bagagem de mão.

O Joaquín era quem tinha sempre tempo para tudo. Quando chegámos a Londres, a família dele nadava em dinheiro e comprou-nos a casa. Como o meu salário chegava e sobrava para os nossos gastos, o Joaquín não tinha muita pressa para se pôr a trabalhar e dedicou-se com calma a aprender inglês. Mais tarde, quando teve o seu primeiro trabalho como engenheiro numa empresa aeronáutica, ficou com um cómodo horário das nove às cinco, que continuava a deixar-lhe muito tempo livre. Tratava da casa e do jardim, ia

ao ginásio várias vezes por semana e inscreveu-se em todo o tipo de cursos: cozinha japonesa, massagens, astronomia, construção de maquetes. O que mais me fazia inveja era o facto de ele ter tempo para ler, não os romances de que eu sentia tanta falta, mas sim aqueles livros e revistas de que ele gostava, que desventravam as versões oficiais da História, desmistificavam a religião, a democracia e a economia neoliberal e permitiam adulterar tudo o que era adulterável.

Porém, ao fim de alguns anos, o trabalho começou a ocupá-lo cada vez mais e, desde que o promoveram a diretor de projetos, começou a faltar em casa mais do que eu. Chegou até a desenvolver o hábito de sair com a equipa para ir beber umas cervejas depois do trabalho, algo que sempre criticara quando era eu a fazê-lo. E foi assim que, há cerca de dois anos, se acabaram as mordomias e deixei de encontrar o jantar feito, a casa arrumada, as torneiras arranjadas e o companheiro à espera em casa com a marquesa das massagens montada. E enquanto antes era eu quem atrasava o momento de termos filhos, cada vez mais distantes da idade ótima, agora era ele quem mudava de assunto.

Estivemos no hospital do Serviço Nacional de Saúde cerca de duas horas entre a espera e os exames. Entretanto, o Joaquín insistiu várias vezes para que eu telefonasse ao Grey, o que não me apetecia minimamente fazer. Não queria lembrar-me nem da reunião, nem da Netscience, nem da minha mala de *nylon* preta, nem do novo logótipo da Royal Petroleum. Contudo, o Joaquín continuou a insistir: dizia que o Graham o tinha feito prometer que quando eu estivesse bem lhe telefonaria, que estava preocupadíssimo. Disse-lhe que sim, que já lhe telefonava, mas fiz de tudo para protelar o momento.

Quando, finalmente, lhe telefonei, fiquei muito satisfeita por tê-lo feito. No fundo, o pirata tinha bom coração, estava destroçado e pediu-me mil perdões. Sentia-se culpado por tudo e assegurou-me que só tinha querido ajudar-me com o seu discursozinho sobre a apresentação «original» sem computador. Acreditei nele. Assegurou-me também que até a Wolfson tinha amolecido e me tinha acariciado o rosto como se eu fosse um cachorrinho doente enquanto ele chamava a ambulância. Nisso não acreditei e mandei-o dar uma curva.

— O pessoal da Royal Petroleum deve ter ficado abismado — disse eu, imaginando, com vergonha, toda a cena.

— Ah! Ah! Ah! — riu-se o Grey. — Nem imaginas. Pelo menos podemos dizer que foi uma reunião que causou impacto. Não se vão esquecer de ti nos tempos mais próximos. Esse é o princípio do *marketing*, não é verdade? Aposto que nos vão dar o trabalho graças a ti.

— Mas... o que é que estás a dizer?

— Pois, pois, é que já somos quase família depois de partilharmos aquele susto. O diretor de *marketing* contou-nos do ataque cardíaco que teve a ver um jogo do Manchester United. Até nos mostrou o volume do *pacemaker* através da camisa! Enfim, foi uma manhã como todas as outras...

— Mas... e a reunião?

— Podes ficar descansada. Depois de um longo *coffee break*, resolvi a questão apresentando a tua história habitual sobre usabilidade, que sei de cor e salteado, e disse-lhes que lhes enviaríamos as tuas propostas por *email*. Ou seja, se não encontrares o portátil, tens de escrever tudo outra vez.

— Tudo bem, não te preocupes, amanhã logo de manhã passo pelo gabinete de perdidos e achados do metro. Não acredito que apareça, mas, enfim, há que tentar. Seja como for, amanhã envio-te alguma coisa.

Agradei ao Grey e garanti-lhe que nada me fazia falta, que não era preciso vir a minha casa e que estivesse descansado. Ele pediu-me que, por favor, ficasse com o resto da semana livre, já que, nos últimos anos, tinha acumulado um monte de férias por usar. Nunca ninguém me tinha proposto um plano tão apetecível.

Durante o exame físico, a médica fez-me algumas perguntas sobre os sintomas que tinha sentido e falei-lhe nas minhas náuseas e dores de cabeça. Nessa altura, ela pediu ao Joaquín que aguardasse do lado de fora e fez-me uma pergunta da qual eu não estava nada à espera:

— E a nível emocional, como se sente? É feliz?

Não sei com que cara fiquei, mas a pergunta provocou, de súbito, uma nova onda de náuseas.

— Vamos fazer uma coisa — disse a médica, franzindo o sobrolho. — Preencha este questionário, por favor.

Não me agradaram as perguntas da folhinha que me deu, nem as minhas respostas. Quando lha devolvi e ela a analisou, explicou-me que, provavelmente, não tinha nenhum problema físico. Tratava-se, quase de certeza, de uma simples depressão.

— É muito comum. Mais do que imagina. Chamam-lhe a gripe do século XXI. Vou receitar-lhe um antidepressivo que a vai ajudar a sentir-se melhor. E recomendo-lhe que faça mais exercício! E que não trabalhe tanto! Se for preciso, também posso receitar-lhe algumas sessões de terapia.

Saí para o corredor e, quando contei ao Joaquín o que a médica me tinha dito, comecei a chorar, no meio de todos aqueles idosos ingleses, com as suas tosses e as suas muletas, que me fitavam, com expressão consternada, imaginando, suponho, que me tinham acabado de diagnosticar um cancro. O Joaquín abraçou-me.

— Então, calma, *my love*. Há coisas piores. A médica tem razão. É uma coisa perfeitamente normal: uma em cada cinco pessoas sofre de depressão. É tudo uma questão de neurotransmissores no cérebro. Há quem tenha o colesterol baixo. No teu caso, é a serotonina. Ao menos a Psicologia está finalmente a tornar-se científica e já compreenderam que é tudo uma questão química. Já estava na altura de inventarem medicamentos sérios e deixarem-se de tanta ingenuidade freudiana sobre o complexo de Édipo e infinitas sessões de terapia...

A última coisa que me apetecia era ouvir outro sermão do Joaquín sobre a ciência e a pseudociência. Sempre se armou em sabichão, uma fonte inesgotável de dados e estatísticas sobre qualquer tema, especialmente se contradiziam as verdades aceites. Conhecia todas as inconsistências da Bíblia, as experiências que a homeopatia tinha falsificado, os pontos fracos dos teóricos da esquerda e da direita e a história secreta da CIA. Cinco anos antes da queda do Lehman Brothers, já seguia os economistas que falavam da bolha imobiliária. E não perdia a oportunidade de deitar por terra algum tema, de destruir mitos e de mostrar as falsidades que, segundo ele, eram a raiz de todos os males do mundo, inclusive

se, por vezes, era tão bruto que provocava irritação, insultos ou até mesmo a perda de algum amigo. Era aquilo a que chamava o seu «compromisso com a verdade».

Obviamente, não era isso que eu queria naquele momento. Só queria um abraço. E saber que ele gostava de mim.

O Joaquín levou-me no seu *Audi* a uma farmácia em West End Lane e estacionou depois a um quarteirão de distância de nossa casa. A partir daí regressámos de mão dada. Dei-me conta de que tinha passado muito tempo desde que fizéramos uma coisa assim tão simples. Na verdade, fiquei com a inquietante sensação de que nos estávamos a imitar a nós mesmos e que nem sequer o fazíamos muito bem. Como naquela história que o Joaquín me contou do seu repertório infinito, na qual o Charles Chaplin se apresentou a um concurso de imitadores do Charlot e ficou em segundo lugar. Teríamos chegado a esse ponto? Teríamos perdido a graça?

Na noite em que conheci o Joaquín Cuervo, numa festa de passagem de ano na Madrid de finais do século xx, discutimos sem parar durante duas horas, naquele que foi um primeiro duelo entre o meu idealismo utópico e o realismo científico dele. Eu tinha terminado o meu curso de Jornalismo e fora contratada por uma revista de informática exatamente na altura em que arrancavam o *email* e a World Wide Web. Foi então que comecei a dar os meus primeiros passos no HTML para editar a própria página da revista, aproveitando para aprender também a arte da usabilidade. Durante toda a noite, defendi o potencial da Internet, essa nova rede tecnológica, que viria permitir o intercâmbio de conhecimentos, destruir as estruturas sociais estabelecidas, aproximar as culturas, reduzir o uso do papel, melhorar os processos democráticos. Enquanto aquele rapaz, bonito, sem dúvida inteligente, mas um pouco arrogante, argumentava que a Internet se iria converter na arma definitiva de controlo social, no veículo perfeito para as burlas e para as fraudes, numa tecnologia que difundiria a uma velocidade ainda maior todos os erros, a crueldade e os preconceitos da espécie humana. Não concordámos em quase nada, mas surgiu nessas horas uma tensão criativa, uma oposição equilibrada,

uma rivalidade colorida pela admiração, que nos fascinou a ambos. E, antes de o dia nascer, essa faísca acendeu um fogo que acabou em beijos e corpos entrelaçados.

Durante alguns anos, a nossa tensão criativa continuou viva. Eu aprendi a duvidar mais das minhas certezas, a questionar as ideias preestabelecidas, a ser mais crítica e mais prática. Melhorei bastante em termos de conhecimentos sobre Astronomia, Física Teórica, Antropologia e quase todos os ramos das ciências naturais e sociais. E embora nunca tivesse conseguido livrar-me de todo das minhas crenças em algo mágico — chamem-lhe Deus, ou destino ou Tao — que regia as nossas vidas neste universo, convenceu-me de que às ideias New Age da minha mãe se colava tanta superstição quanto ao catolicismo, que eu já superara na adolescência.

Por outro lado, o Joaquín suavizou os seus modos, começou a tolerar melhor a diversidade de opiniões, chegou a reconhecer algum laivo de esperança para a humanidade. Ajudei-o a melhorar as relações com a família dele, muito conservadora e agarrada às suas crenças políticas e religiosas, com quem ele quase só sabia discutir. E, mais importante ainda, abriu-se ao amor, depois de toda uma vida de cinismo perante qualquer tipo de romantismo que fosse para lá da química cerebral. E abriu-se também à possibilidade de ter filhos num mundo que antes considerava demasiado terrível para «semelhante disparate». Seja como for, aquele fogo que tínhamos criado ajudou-nos a crescer, a mudar e a sermos melhores do que éramos antes de nos conhecermos.

Contudo, o tal fogo extinguiu-se nos últimos tempos. Por causa da rotina? Por causa da falta de tempo? Por nos conhecermos demasiado bem? Independentemente do motivo, parecia que já não nos sentíamos confortáveis um com o outro. Não nos ríamos como antes. Nem sequer discutíamos como antes. Talvez tivéssemos crescido em direções diferentes ao longo dos anos, até chegarmos ao ponto de já não sabermos quem éramos e, por isso, refugiávamo-nos em ser, por um breve instante, o tal casal que éramos quando chegámos a Londres há dez anos, que caminhava pela rua de mão dada, que se iludia a decorar a sua nova casa, que alugava um

barquinho no lago de Regent's Park ao sábado à tarde e debatia sobre o futuro da humanidade, que decifrava entre risadas a ementa do restaurante tailandês mais exótico da cidade, que fazia amor com dois corpos que eram um só, para acabar a discutir sobre se chamariam aos seus filhos Melissa ou Paloma, Stuart ou Manuel. Queríamos ser o tal casal que sonhava com uma Londres que nunca chegou a ser o que queríamos que tivesse sido. Porém, não éramos e merecíamos, quando muito, um prêmio de consolação. Caminhando pela rua, as nossas mãos encheram-se de um suor incômodo, apesar do frio, e, quando chegámos a Inglewood Road, foi um alívio soltá-las.

— Desculpa, *baby*. Gostava de ficar contigo, mas já aqui estou há demasiado tempo. Queres que te peça um *sushi takeaway* no japonês de West End Lane?

Antigamente, ter-me-ias preparado tu o sushi, pensei.

— Não, deixa estar, já faço alguma coisa.

— Anima-te, vais ficar bem! Só precisas de descansar um bocadinho e tomar o remédio. Esta noite falamos, pode ser? Tentarei vir jantar, mas já sabes como as coisas são...

— Sim, não te preocupes, eu fico bem. Obrigada por teres vindo, Joaquín. — Dei-lhe um beijo que, para mim, creio ter sido de verdade, pelo menos como agradecimento.

E, por um instante, quis dizer-lhe para não se ir embora. Para adiar a reunião. Para me dar a mão outra vez e caminharmos mais um pouco. Que talvez agora não se me enchesse a mão de suor. Porém, ele já me tinha deixado à porta e já caminhava pela calçada cheia de fendas.

Vivíamos nos dois pisos superiores de uma daquelas casinhas estreitas inglesas com as suas escadas apertadas e alcatifadas para passar da zona sala-cozinha para a dos quartos. Ao entrar, encontrei a casa fria e húmida. Era meio-dia, o aquecimento central ainda não tinha começado a funcionar e estava sozinha em casa. O silêncio era impressionante. O bairro inteiro parecia abandonado. Tirei os sapatos e pendurei o sobretudo em cima de outro sobretudo, num monte que, ao longo dos anos, tinha crescido na

parede do corredor como um musgo gigante de cores esbatidas, e que me impedia de subir ou descer as escadas sem girar um pouco o corpo. Realmente, agora que reparava nele, era incómodo, ines-tético, absurdo. Tentei espalmar os casacos contra a parede, em vão. Como é que nunca tinha reparado naquilo?

Foi então que um ruído cortou o silêncio. Vinha da cozinha e era como se alguém, ou alguma coisa, estivesse a bater suavemente no vidro. Espreitei pela porta e sim, efetivamente, lá estava de novo: o gato, ou gata, ou o que quer que fosse, sentado no parapeito, como se tivesse ali ficado o tempo todo, a aguardar pacientemente o meu regresso.

— Abres-me a janela? — disse a gata com a sua voz decidida-mente feminina.

Fechei a porta da cozinha com um calafrio. Tinha esquecido completamente o assunto da gata tagarela. Na verdade, apagara-a da minha mente. Quanto muito, teria admitido ter sonhado com isso na noite anterior. Mas não, ali continuava aquela maldita. Tão obstinada na sua realidade quanto os casacos do corredor.

Senti outro enjoo e fiquei ainda mais assustada. Não queria voltar para o hospital, porque senão ainda me trancavam lá para sempre. Fui até à sala e liguei o rádio, estava na BBC. Era um programa científico, daqueles que o Joaquín gostava de ouvir. Entrevistavam um professor da Universidade de Leeds sobre os vulcões subma-ri- nos que se estavam a afundar num abismo a seis quilómetros de profundidade, ao ritmo de cinco centímetros por ano. Era recon- fortante escutar vozes humanas, normais, não felinas, a falar de fenómenos geológicos, e observar as bolas de algodão que deambula- vam pelo ar da sala, iluminadas por um jorro de luz que se tinha infiltrado por entre as nuvens.

Realmente, devia estar mal da cabeça. O espetáculo que tinha posto hoje em cena não era normal. O que iria contar ao meu pai? Nada, o melhor era não lhe contar nada. E, obviamente, não me deixava nada tranquila saber que se tratava «só» de uma depressão, de um desequilíbrio neuroquímico. E se amanhã voltasse a desmaiar outra vez? Já para não falar das vozes que ouvia na minha cabeça... Um gato falante, por amor de Deus! Nem que fosse a Mary Poppins.

Revi mentalmente o questionário da médica. Enxaquecas? Sim. Insónias? Sim. Atividade sexual? Nula. Apetite? Pouco. Stresse? Constante. Esgotamento? Total. Contudo, eu não podia estar deprimida. Eu não era assim. Era uma pessoa feliz, não era? Sempre fora. A mais alegre do grupo. A risonha, a sonhadora, a eterna otimista. Ou será que tinha mudado? É verdade que a morte da minha mãe tinha enegrecido um pouco o meu coração nos últimos anos. Sentia falta do seu carinho, dos seus conselhos, da sua bússola. Além disso, sentia-me culpada por viver tão longe do meu pai. O pobrezinho nunca mais foi o mesmo e, para ajudar na livraria, só tinha o imbecil do meu irmão, Álvaro, que era pior do que não ter ninguém. Só ao meu irmão é que podia ocorrer a brilhante ideia de reformar e ampliar a livraria em plena crise, desbaratando as magras poupanças que o meu pai tinha. Agora, as coisas estavam piores do que nunca; era também por causa disso que eu e o Joaquín continuávamos em Londres. O meu plano sempre fora voltar para Madrid depois de passar alguns anos em Inglaterra. Por isso comprara o apartamento em Argüelles, perto da livraria. Agora, tinha muito medo de nunca mais poder voltar.

Porém, sinceramente, também não me podia queixar. Tinha um trabalho invejável, vivia numa cidade maravilhosa, num dos melhores bairros de Londres, tinha um companheiro bonito, inteligente, fiável, ainda que já não me fizesse *sushi*, nem montasse a marquesa das massagens, nem fizesse amor comigo ultimamente. As massagens seriam assim tão importantes? E o sexo? A verdade é que tinha saudades de ambas as coisas. Muitas saudades, agora que pensava nisso. Era bom que o Joaquín chegasse cedo esta noite e tratássemos do assunto com um banho quente e alguma mimosoterapia. Se calhar, é só isso que me faz falta, mais do que qualquer comprimido para equilibrar a serotonina. Ou haveria algo mais?

Se calhar estava a entrar naquilo a que chamam a crise dos quarenta. Faltavam-me pouco mais de seis meses para fazer quarenta anos. Importava-me com isso? Nunca tinha pensado muito na questão até agora. É verdade que, nos últimos anos, tinha começado a pintar os cabelos brancos e incomodavam-me cada vez mais aqueles anúncios de cremes feitos por modelos com a pele perfeita.

O mais curioso é que as minhas amigas, aquelas que antes me ofereciam saídas de praia, gorros originais e *kits* de incenso, agora acabavam por me dar esses mesmos cremes. E eu usava-os religiosamente, claro. Outra coisa já seria incorporar na minha rotina os exercícios que a minha amiga Vero me tinha ensinado para o tra-seiro e para os abdominais. Onde é que ia arranjar tempo para isso?

Ainda me sentia bonita e tinha um corpo que não era nada mau para a minha idade. Claro que tinha sempre de acrescentar essa nota: para a minha idade. Mas, enfim, quase não me preocuparia se não fossem as olheiras com que ficava depois de uma semana como esta. E a ameaça da celulite. E, claro, a história do relógio biológico. Já agora, até quando era possível ter filhos? Não me recordava bem, mas lembrava-me, sim, de que a minha meta tinham sido os trinta e cinco. Depois atrasei-me um bocadinho, depois o Joaquín começou com o seu emprego... Tinha de falar com ele seriamente sobre o assunto. Depois da mimoterapia.

O Joaquín, sim, ficou afetado com o tema dos quarenta. Fê-los no ano anterior e, ainda que dissesse muitas piadas sobre o tema, não quis celebrar. Teve uma cólica renal uns dois meses antes de fazer anos e pensava que ia morrer no táxi, a caminho do hospital. Afinal, não era caso para tanto, mas ele encarou o facto como um doloroso sinal de que o seu corpo estava a entrar em decadência. E isso assustou-o, porque conhecia todas as estatísticas médicas de cor e salteado e porque não se permitia ilusões sobre o envelhecimento, nem sobre a morte, nem, claro está, sobre a vida depois da morte. Na realidade, nunca gostou muito de festejar o aniversário. Parece mentira, mas contou-me que, quando fez vinte anos, teve uma crise existencial que o levou a beber vodca com o estômago vazio e a ouvir The Cure obsessivamente, porque já se via com um pé na sepultura.

A mim, pelo contrário, sempre me agradaram os aniversários, ainda que, é verdade, ultimamente não fizesse grandes celebrações. Seria por causa da idade? Pelo susto de ver tantas velas em cima do bolo? Não, não era por causa disso. É que não era tão fácil, estando fora de Espanha e tão longe do meu pai e das minhas amigas de toda uma vida, que agora, com as suas próprias responsabilidades familiares, quase não tinham tempo nem para uma chamada

telefónica em paz, quanto mais para fazerem uma viagem a Londres. Eu mesma, ainda sem filhos, não parava, sempre de um lado para o outro, por entre tantas viagens, tantas pressas... «Festeja o seu aniversário? Não, doutora.»

Estava frio. O sol voltara a esconder-se. Aqui, o mais que podemos esperar é aquilo a que os meteorologistas britânicos chamam *sunny spells*, «momentos de sol». Tinha preguiça de ligar o aquecimento. Decidi subir para o quarto e refugiar-me debaixo do edredão. Ao levantar-me do sofá, saiu-me dos pulmões um som que parecia vindo de uma ovelha moribunda ou, pelo menos, quarentona. Senti o corpo todo pesado enquanto me arrastava pelas escadas apertadas, encostada ao papel de parede já gasto. Ao chegar ao piso superior, fiquei com a impressão de que já estava a anoitecer. Como era possível? Que horas seriam? Segundo o relógio digital, pousado na minha mesinha de cabeceira sobre uma pilha de romances por ler, eram 15h53. Que país!

Nesse momento, ao aproximar-me da cama, fui invadida pela sensação alarmante de estar a ser observada. Voltei-me para a janela e quase me deu uma coisinha má. A gata agora estava aqui, por detrás do vidro de uma das amplas janelas do quarto. Como é que aqui havia chegado? Era possível alcançar o parapeito sem voar pelos ares? À luz cinza do entardecer londrino, parecia um gato preto. «De noite, todos os gatos são pardos», já dizia a minha mãe, do seu conjunto de provérbios. Seria a mesma gata de há pouco? Pam! Pam! As suas leves patadas voltaram a fazer-se ouvir. Desta vez, não disse nada, e eu quase fiquei incomodada por isso.

— *Go to hell!* — disse-lhe, em inglês. — Vai para o inferno.

Já foste. Tinha começado a falar com a gata. Tinha entrado no seu jogo. Ou na minha própria loucura.

Submergi-me debaixo do edredão com toda a roupa vestida, refugiando-me na sua quente escuridão, imaginando-me nas profundezas de algum abismo vulcânico submarino. Durante algum tempo pareceu-me ouvir, de vez em quando, um qualquer som surdo e distante, proveniente da superfície. Mas depois, nada. Durante muito tempo, nada. Escuridão, silêncio, nada. Neste nada, comecei a dar voltas a tudo.

O que fiz nestes quase quarenta anos de vida? Tenho alguma coisa para festejar? Ou estou totalmente enganada? Porque é que acordo nauseada todas as manhãs? Será que tenho nojo da minha própria vida? O que diria de mim aquela jovem e utópica jornalista que fui em tempos? Onde ficou aquele casal de namorados que chegou a Inglaterra com a mudança do milénio? O que quero fazer com o tempo que me resta? Mantenho-me neste caminho? Ou deveria ter-me desviado dele há muito tempo? Quem sou? O que faço aqui? Estou bem? Ou estou perdida?

Sim, estava perdida. Dava-me conta disso agora. Há anos que desenhava mapas para encontrar tesouros, mas nunca o meu, e o meu mapa fora-se enchendo de pontos de interrogação. Estava perdida neste oceano insondável de perguntas e precisava de me perder nelas. Há demasiado tempo que não me expunha às suas investidas, protegida por pressas, reuniões e prazos apertados. Agora, arremeteriam contra mim todas juntas e não havia dúvida de que era aqui que tinha origem a ondulação que provocava os meus enjoos.

Tirei a coberta de cima de mim. Estava transpirada, com o cabelo colado ao rosto, e o sutiã estava a apertar-me. Virando-me de lado, desapertei-o e deixei-me cair novamente de costas. Deparei com o teto do meu quarto, com a sua mancha de humidade e aquele candeeiro de papel de arroz que pusemos «provisoriamente» há oito anos, enquanto procurávamos um de que gostássemos. Dei-me conta de que não suportava aquele candeeiro. Amanhã mesmo ia trocá-lo.

Foi então que me lembrei da gata. Quer entrar? Então que entre. Vamos lá falar, olhos nos olhos. De que é que tenho medo? Levantei-me para me aproximar da janela. Porém, a gata já não se encontrava lá, nem na outra janela do quarto. Desci à sala, mas, pelas janelas, só se viam os postes de iluminação pública e as casas da frente. Abri a porta da cozinha. Nada. Quem sabe, afinal, não tinha imaginado tudo. Dirigi-me à janela sobre o lava-louças e girei o trinco em meia-lua que servia para fixar a parte inferior. Puxei pelas pegadas com força para levantar a janela de madeira. Em seguida, entrou um ar fresco, colorido pelos aromas exóticos que se cozinhavam na vizinhança: curcuma, cominhos, cravinho, gengibre. Na zona dos jardins, estavam iluminadas apenas algumas janelas na

fila de casas da frente, as nuvens que refletiam o brilho alaranjado da cidade e algum televisor bruxuleante. De resto, escuridão total.

Lembrei-me de assobiar. Saiu-me um assobio ululante que costumava produzir quando era criança, um chamamento secreto do grupo, do Clube do Lince, daquelas coisas que não se esquecem nunca. Depois, pensei pôr uma tigela de leite no parapeito, como fazem nos filmes. Abri o frigorífico e peguei no pacote de leite do Sainsbury's. Porém, quando me volvei, encontrei a gata sobre a mesa da cozinha, junto às luvas do Joaquín.

— Leste-me o pensamento — disse, lambendo os beiços. — Estava cheia de fome.